



GEOPOLÍTICA NA FRONTEIRA ENTRE BRASIL E VENEZUELA: PRESENÇA RUSSA COMO FATOR DE DESEQUILÍBRIO

Marcos de Lima Gomes¹
Paulo Cezar de Lima Gomes²
Elói Martins Senhoras³

RESUMO

Na tríplice fronteira na Amazônia Setentrional entre Brasil-Venezuela-Guyana a relação geopolítica e das relações internacionais encontra-se em aparente tensão interestatal devido a aproximação russa nessa região. A presença de um país de natureza europeia considerado de grande potência e de Poder Militar superior aos Estados regional, poderá causar um desequilíbrio interestatal. Nesse sentido, o presente trabalho visa realizar uma análise sobre a presença russa em solo venezuelano, a qual poderá desencadear possível desequilíbrio interestatal na América do Sul e Caribe, quiçá corrida armamentista e conflitos diversos, podendo evoluir para conflito belicoso. Os resultados da pesquisa demonstram que na geopolítica fronteira entre Brasil-Venezuela-Guyana, a Rússia, por ser considerado um país de grande potência global, desponta como fator de desequilíbrio regional, o que poderá desencadear em uma corrida armamentista na região. Com base nessa discussão, conclui-se que a aproximação entre Moscou e Caracas lança questões sobre novos aspectos das ambições dos formuladores da política externa russa para o posicionamento do país no jogo de poder internacional, bem como, acredita-se que a presença russa na Venezuela poderá apresentar um desequilíbrio entre as forças militares da região, colocando-o em vantagem operacional junto às demais Estados Nacionais que compõe a América do Sul e Caribe, explicitando o interesse geopolítico nesta área pivô entre Rússia-Venezuela-Brasil.

Palavras-chave: Amazônia; Brasil; Geopolítica; Rússia; Venezuela.

ABSTRACT

On the triple border in the Northern Amazon between Brazil-Venezuela-Guyana, the geopolitical and international relations are in apparent interstate tension due to the Russian approach in this region. The presence of a country of European nature, considered to be a great power and with a military power superior to the regional states, could cause an interstate imbalance. In this sense, the present work aims to carry out an analysis of the Russian presence on Venezuelan soil, which could trigger a possible interstate imbalance in South America and the Caribbean, perhaps an arms race and various conflicts, which could evolve into bellicose conflict. The research results show that in the border geopolitics between Brazil-Venezuela-Guyana, Russia, being considered a country of great global power, emerges as a factor of regional imbalance, which could trigger an arms race in the region. Based on this discussion, it is concluded that the rapprochement between Moscow and Caracas raises questions about new aspects of the ambitions of Russian foreign policy makers for the country's position in the international power game, as well as, it is believed that the Russian presence in the Venezuela may present an imbalance between the military forces in the region, putting it at an operational advantage with the other National States that make up South America, explaining the geopolitical interest in this pivotal area between Russia-Venezuela-Brazil.

Keywords: Amazon; Brazil; Geopolitics; Russia; Venezuela.

¹Professor da Universidade Federal de Roraima (UFRR), mlmarcos@hotmail.com

²Especialista em Segurança Pública e Bacharel em Direito pela Faculdades Cathedral, paulocezarcaveira15@hotmail.com

³Professor da Universidade Federal de Roraima (UFRR), eloisenhoras@gmail.com



INTRODUÇÃO

Na fronteira mais setentrional do Brasil, a tensão interestatal entre Brasil e a Venezuela acontece de modo velado, notadamente, após a aproximação entre a Rússia e o país venezuelano por meio de diversos acordos estratégicos e exercícios militares. Tais acontecimentos são temas pontuais e esporádicos junto à mídia nacional e, aparentemente nos noticiários internacionais, atraindo especial atenção nas áreas do conhecimento da Geopolítica e das Relações Internacionais.

Do lado brasileiro, em setembro de 2020 ocorreu um exercício militar de grande envergadura na Amazônia brasileira (cidade de Manaus - AM), onde foram empregados mais de 3.600 militares do Exército Brasileiro provenientes de diferentes áreas do território nacional (BRASIL, 2020). A Operação Amazônia como foi nominada, teve uma nova versão em 2021, onde foram empregadas tropas das Forças Armadas das três Forças (Marinha do Brasil, Exército Brasileiro e Força Aérea do Brasileira) com cerca de 3.800 militares com envolvimento de todas as Unidades Federativas que compõe o Comando Militar da Amazônia (CMA).

Do lado venezuelano, o exercício militar acontece em conjunto com a Rússia, país este que possui afinidade ideológica com a Venezuela, ocorreu em maio de 2021, onde foram empregadas ações de Guerra Eletrônica empreendidas por Forças Russas e a Fuerza Armada Nacional Bolivariana (FANB), na região de fronteira de Roraima, especificamente na cidade de Santa Elena de Uairén, que fica aproximadamente 12 km da cidade brasileira de Pacaraima (DEFESANET, 2021).

A aproximação entre um Estado europeu considerado de grande Poder Militar e outro considerado como moderado e similar aos países da América do Sul e Caribe, desperta especial atenção aos integrantes desse subcontinente. Nesse cenário, o Brasil encontra-se em situação de destaque por fazer fronteira com a Venezuela e Guyana (que se encontra em litígio por disputa territorial), desse modo, situando-se como “*Heartland*” na Amazônia sul-americana.

Neste ínterim, este trabalho traz uma análise de contexto geopolítico e das Relações Internacionais sobre as possíveis tensões existentes entre Brasil e a Venezuela, em decorrência do aumento de atividades militares nessa região realizadas por ambos Estados e, tendo como possível causa, posicionamentos ideológicos dos chefes de Estados Nacionais, do agravamento da crise socioeconômica, migratória e étnica existente na Venezuela, bem como, da presença russa nesta porção América do Sul e Caribe.



REFERENCIA TEÓRICO

O presente trabalho está fundamentado na estruturação hipotético-dedutiva, assumindo como referência o olhar multidisciplinar dos conceitos de Geopolítica e das Relações Internacionais, com enfoque para a fronteira entre Brasil e Venezuela, sendo o Estado o principal ator que busca um equilíbrio de poder que age por meio de estratégias para sobreviver.

Na concepção de Becker (2005), a Geopolítica é considerada como sendo um campo de conhecimento que analisa relações entre poder e espaço geográfico, e sempre esteve sob forças exógenas de intervenções, podendo ser moderada ou até conflituosas por conquistas de territórios e, por forças endógenas, sob o prisma de políticas econômicas, integracionista e de segurança e defesa.

A relação entre poder e território constitui-se como o cerne de teorias e debates de geopolíticas e, deste modo, as interações são realizadas no decorrer do tempo histórico por meio de estratégias que tendem a modificações (GODOY, 2019), quer sejam estruturais e/ou ideológicas que repercutem em todo mundo de forma assimétrica.

A Amazônia sul-americana é considerada como uma área pivô para a América do Sul composta por oito Estados nações, desse modo, as tensões que ora são suscitadas transformam a região entre Brasil e Venezuela, limite da Amazônia Setentrional, em um “*Heartland*” (MACKINDER, 2004), na qual se encontram no centro de discussões geopolíticas e das diplomacias, especialmente no que se refere ao exercício de poder.

Essa área pivô constitui um desafio para os chefes de Estados, e o poder sobre os mesmos tendem a serem geridos pelos seus atores, os Estados, conforme apontados por Ratzel (1893) e Mackinder (2004), uma vez que são eles os detentores dos monopólios sobre suas decisões que impactará o Território, sendo eles, por meio de políticas estatais, que exercerão o poder sobre estes (GODOY, 2019).

O aumento desproporcional de Poder Militar por parte de um membro da América do Sul e Caribe poderá desencadear uma corrida armamentista e conflitos diversos. Como embasamento teórico, tem-se como definição de Poder Militar o que prescreve o contido no Livro Branco de Defesa Nacional do Brasil, “estando constituído de meios predominantemente militares de que dispõe a nação para, sob a direção do Estado, promover, pela dissuasão ou pela violência, a conquista ou manutenção dos objetivos nacionais” (BRASIL, 2012 p. 259).



PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os fundamentos metodológicos da pesquisa caracterizam-se por uma natureza exploratória quanto aos objetivos, bem como por abordagens qualitativas quanto aos fins, convergindo por um padrão de uso do método dedutivo, uso de revisão bibliográfica e documental, bem como análises hermenêutica geográfica (interpretação) e geoespacial com base em fundamentações teóricas ao longo da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Aparentemente, na América do Sul e Caribe existe uma estabilidade interestatal no que se refere a questões belicosas. Seus atores não são detentores de armas nucleares, e em geral há poucos investimentos em defesa nos seus respectivos Estados. Essa realidade denota uma sensação de segurança na região (SILVA JÚNIOR, 2019). No entanto, a história recente tem demonstrado o contrário, como foram os casos das guerras das Malvinas, entre Argentina e Reino Unido em 1982 e a Guerra de Cenepa, entre Peru e Equador em 1995, por exemplo.

Dentro de um contexto Geopolítico e das Relações Internacionais, a existência de litígios na América do Sul e Caribe, cabe destacar caso de Essequibo, região territorial em disputa entre Venezuela e Guyana que atravessa séculos e ainda permanece latente, onde o Estado venezuelano reclama a posse frente a Guyana dessa região, a qual corresponde a praticamente dois terços do atual território guyanense, em torno de 160 mil km² (DESIDERÁ NETO, 2012).

A região do Essequibo se destaca “por conter sobre seu solo savana tropical amazônica, rica em recursos minerais, destacando-se ouro, bauxita e urânio, e outros recursos naturais, como os produtos da floresta e a própria água, seja para consumo, seja como potencial hidrelétrico” (DESIDERÁ NETO, 2012, p. 2), bem como, possui potencial nas proximidades do delta do rio Orinoco na Venezuela.

De certo modo, ainda que se considera uma crise não violenta e de baixa intensidade nessa disputa territorial desde século XIX, entre Venezuela e Guyana, expõe o Estado brasileiro, e diretamente o estado de Roraima (limítrofe entre Venezuela e Guyana) em caso de possíveis conflitos de natureza diversa, e assim, sujeitando o Estado brasileiro a intervir de alguma forma nesse cenário belicoso ou não.

Para Ward (2019), apesar de que existam informações em noticiários internacionais nos diversos meios de comunicações acerca do tema em questão, permanece grande dificuldade em



obter uma resposta assertiva de órgãos oficiais quanto a questão relacionada à essa aproximação técnica-militar entre Venezuela e Rússia (Ocidente e Oriente). Todavia, observa-se que no decorrer da crise venezuelana e nos expressivos investimentos do governo russo há uma expressiva presença militar nesta região.

Teixeira Júnior (2019) anota que existe uma benevolência geopolítica da Venezuela para a Rússia por cerca de uma década ao longo dos anos 2000, notadamente na questão militar, “seja através de visitas de sua aviação estratégica, visitas navais, mas mais precisamente através dos laços criados pela vultosa importação de material bélico russo por parte de Caracas desde o governo Chávez (TEIXEIRA JÚNIOR, 2019, p. 12).

Desse modo, é razoável que se comente sobre a presença de um Estado alheio ao subcontinente da América do Sul e Caribe de Poder Militar maior aos dessa região, nesse caso, a Rússia. A parceria entre Venezuela e Rússia nos últimos anos vêm acontecendo com maior frequência, notadamente após o agravamento da crise na Venezuela desde 2019.

Essa aproximação militar, teve seu incremento a partir da década de 2000 por meio de financiamento com reservas oriundas da exportação de petróleo, o que proporcionou a compra de materiais belicosos. A cooptação de parceiros de acordo com critério ideológico teve papel central nesta parceria, principalmente quanto à ideologia anti-americanista (MACHADO, 2008).

Nesse sentido, tal aproximação poderá desencadear numa nova Guerra Fria entre Estados Unidos da América e Rússia e, conseqüentemente, gerar instabilidade regional, notadamente na América do Sul e Caribe, uma vez que o país russo possui grande Poder Militar, e procura demarcar geograficamente com estratégia de manutenção de suas necessidades de defesa por meio de cooperação técnica-militar entre esses Estados.

Para Machado (2008), é sabido que existe uma corrida armamentista com aumento de gastos militares na América do Sul e Caribe durante a década de 2000, vide, nos países da Argentina, Chile, Colômbia, Brasil e, principalmente na Venezuela por meio da cooperação técnica-militar com a Rússia. Dessa forma, diante de tais movimentos, a aproximação entre ambos Estados poderá ser considerada como um fator de desequilíbrio regional aumentando a tensão interestatal no subcontinente.

Senhoras (2014), ressalva que os dilemas geoestratégicos do complexo regional de segurança da América do Sul são caracterizados, tanto por *ameaças tradicionais* estado-centristas, quanto por *novas ameaças* difusas. Neste sentido, a caracterização do complexo regional de segurança sul-americano apresenta um perfil de baixo nível de maturidade com a



identificação de arcos relativa estabilidade (região meridional) e instabilidade (região setentrional).

Figura 1 - Arcos geopolíticos de estabilidade e instabilidade na América do Sul



Fonte: Medeiros (2010) apud Senhoras (2012, p. 50).

A geopolítica sul-americana é permeada por forças de crescente integração na vertente do Oceano Atlântico, conformando um arco de relativa estabilidade na América do Sul, bem por forças de fragmentação na vertente do Oceano Pacífico, delimitando um arco de relativa instabilidade, onde existem conflitos difusos de novas ameaças ligadas principalmente ao tráfico de drogas e armas, assim como conflitos fronteiriços interestatais entre Chile, Peru e Bolívia, entre Colômbia e Venezuela, e entre Venezuela e a Guayana.

Observa-se entre os países da zona de instabilidade sul-americana uma percepção do complexo regional de segurança que é caracterizada negativamente por um padrão de relacionamento competitivo ou lockeano e que tende a levar à perpetuação de um contexto geopolítico potencialmente conflitivo e instável de ameaças tradicionais em função do ressurgimento do nacionalismo, da difusão de um movimento socialista-bolivariano e do aumento dos gastos militares. No arco de instabilidade, boa parte dos países encontra-se, desde os anos 1980, pressionados nos assuntos de segurança e defesa pelos Estados Unidos, por meio de acordos militares, tais como Colômbia, Peru e Equador, que ampliaram as funções das forças armadas com finalidades policiais e buscaram impelir novas ameaças transnacionais, como tráfico de drogas e de armas, que têm transbordamentos na América Central e Caribe, e posterior refração rumo à América do Norte (SENHORAS, 2012, p. 51).



É neste contexto geopolítico do arco de instabilidade que a Venezuela passa a adquirir crescente relevância nos debates geoestratégicos na América do Sul à medida que se torna o epicentro de difusão de um movimento nacionalista identificado como socialista-bolivariano, no qual a China e Rússia, como potências militares, passam a dar ativo apoio para ampliar suas influências regionais no subcontinente diante de uma passiva posição com uma agenda de cooperação centrada na Colômbia.

A cooperação técnica-militar entre Rússia e a Venezuela não podem ser embarçada exclusivamente com uma estratégia russa de retaliação à presença do Ocidente em sua área de influência, mas também se relaciona com a expectativa russa de se aderir no jogo de poder internacional e de aumento de potencial político, geopolítico e militar na América do Sul e Caribe como forma de aproximação política e de interesses comerciais diversos.

No entanto, a negativa dos EUA em comercializar para a Venezuela peças de reposição para manutenção dos seus caças F-16s em 2006, fez com o então governo de Hugo Chaves se inclinasse para o Oriente numa tentativa de aquisição de materiais belicosos e, desse modo, abrindo oportunidades para a Rússia aumentar sua presença no setor petrolífero e na mineração da Venezuela (ELLIS, 2015). Assim, entre 2012 e 2017, 69 % da produção de equipamentos militares da Rússia foram comercializados para a Venezuela, tais como: aeronaves, transporte e helicópteros de combate; morteiros e mísseis antitanque e carros de combate (SOUSA, 2020).

Teixeira Júnior (2019), ressalva que antes da Venezuela ser protagonista para importações de material de defesa russo, existiam outros países, dentre eles, o Peru que havia adquirido uma frota de blindados pesados diversos T-55, a fim de incrementar sua capacidade de defesa, bem como apoio técnico e treinamento russo. Do lado da relação russa-venezuelana, se observa uma estreita relação de grade proporção no campo militar e indústria de defesa como pilar fundamental nesse relacionamento, conforme demonstrado no quadro 1, onde se observa grande quantidade de matérias adquiridos pela Venezuela da Rússia:

Na tentativa de recompor seu Poder Militar, a Venezuela desde governo de Hugo Chaves atravessa por uma crise e da degradação de suas capacidades militares convencionais, mas, é considerada como grande potência de estruturas aérea e antiaérea na região (TEIXEIRA JÚNIOR, 2019), e um importante parceiro dentro de sua estratégia internacional, de ganhos econômicos de curto prazo junto a Rússia.

Após eclosão da crise venezuelana em 2019, agravadas por um processo migratório e socioeconômico sem precedentes, desencadeia uma série de desinformações quanto a real situação por parte do governo Nicolas Maduro junto à comunidade internacional, o que proporcionou uma corrida na aliciação militar russo no território venezuelano, com o intuito de



apoiar o regime bolivariano e afastar uma possível intervenção externa e, nesse tabuleiro de jogo do poder, encontra-se o estado brasileiro de Roraima, fronteira com a Venezuela, situado no extremo norte do Brasil.

Quadro 1 – Armas transferidas da Rússia para a Venezuela: 2000 a 2018

Designação	Descrição	Ano de entrega	Quantidade	Designação	Descrição	Ano de entrega	Quantidade
Mi-26	Helicóptero de transporte	2007	1	V-601/SA-3B	SAM	2011-2014	14
Mi-35M	Helicóptero de combate	2006	3	2S19 MSTA-S 152mm	Arma autopropulsada	2011-2013	18
Mi-35M	Helicóptero de combate	2006	5	2S23	Nona-SVK Morteiro autopropulsado	2011	100
Mi-8MT/Mi-17	Helicóptero de transporte	2006	6	9M117 Bastion/AT-10	Míssil antitanque	2011-2013	150
KAB-500/1500	Bomba guiada	2007-2008	200	9M317/SA-17 Grizzly	sam	2013	24
Kh-29/AS-14	Kedge Míssil ar-terra	2008	50	9M82M/SA-23A	sam	2013	2000
Kh-31A1/AS-17	Míssil anti-navio	2008	50	9M83M/SA-23B	sam	2013	11
Kh-59ME Ovod/AS-18	Míssil ar-terra	2008	50	BM-21 Grad 122mm	Lançador múltiplo de foguetes autopropulsado	2011	550
Mi-35M e	Helicóptero de combate	2008	2	BM-21 Grad 122mm	Lançador múltiplo de foguetes autopropulsado	2013	48
Mi-8MT/Mi-17	Helicóptero de transporte	2008	13	BMP-3	IFV	2011-2013	123
Mi-8MT/Mi-17	Helicóptero de transporte	2009-2010	1000	BTR-80A	IFV	2011-2014	114
R-27/AA-10	Míssil além do alcance visual	2007-2008	250	Buk-M2/SA-17	Sistema SAM	2013	12
R-73/AA-11	Míssil ar-ar de curto alcance	2008	40	S-300VM/SA-23	Sistema SAM	2013	3
Su-30MK	Aeronave de caça e ataque ao solo	2006-2008	150	T-72M1	Carro de combate	2011-2013	92
Igla-S/SA-24	SAM portátil	2009-2010	24	2B11 120mm	Morteiro	2011-2012	24
S-125 Pechora-2M	Sistema SAM	2011-2014	12	Igla-S/SA-24	SAM portátil	2012	2000

Fonte: SIPRI (2018); Teixeira Júnior (2019). Adaptação própria (GOMES; GOMES; SENHORAS, 2021).

Questão bastante preocupante, refere-se à porosidade entre os países que compõem a América do Sul e Caribe, com especial atenção para a fronteira entre Brasil-Venezuela-Guyana, extensa linha de fronteira com cerca de 1922 km, aonde existe certo controle por parte do Estados em questão, mas considera-se pouco eficaz, pois há grande dificuldade quanto ao monitoramento, controle de pessoal e alfandegário, com isso, facilitando tráfegos de drogas, armas, dentre outros.

Sem nenhuma ligação aparente com a presença russa na fronteira norte do Brasil, em setembro de 2020, o Ministério da Defesa do Brasil realizou a Operação Amazônia onde foram empregados cerca de 3.600 militares do Exército Brasileiro, apoiados pela Força Aérea Brasileira e Marinha do Brasil, que visou o adestramento das tropas cumprindo sua missão



institucional, cuja finalidade visa manter homens e mulheres preparados e capacitados para atuarem em defesa da Pátria, bem como garantir a soberania nacional (BRASIL, 2021).

Em abril de 2021, a Operação Amazônia repetiu-se sendo considerado o “maior exercício de defesa externa já realizada pelo Comando Militar da Amazônia, sendo desenvolvido no contexto do amplo espectro dos conflitos armados e da guerra híbrida, envolvendo a combinação simultânea de operações ofensivas, defensivas e contra forças irregulares” (BRASIL, 2021).

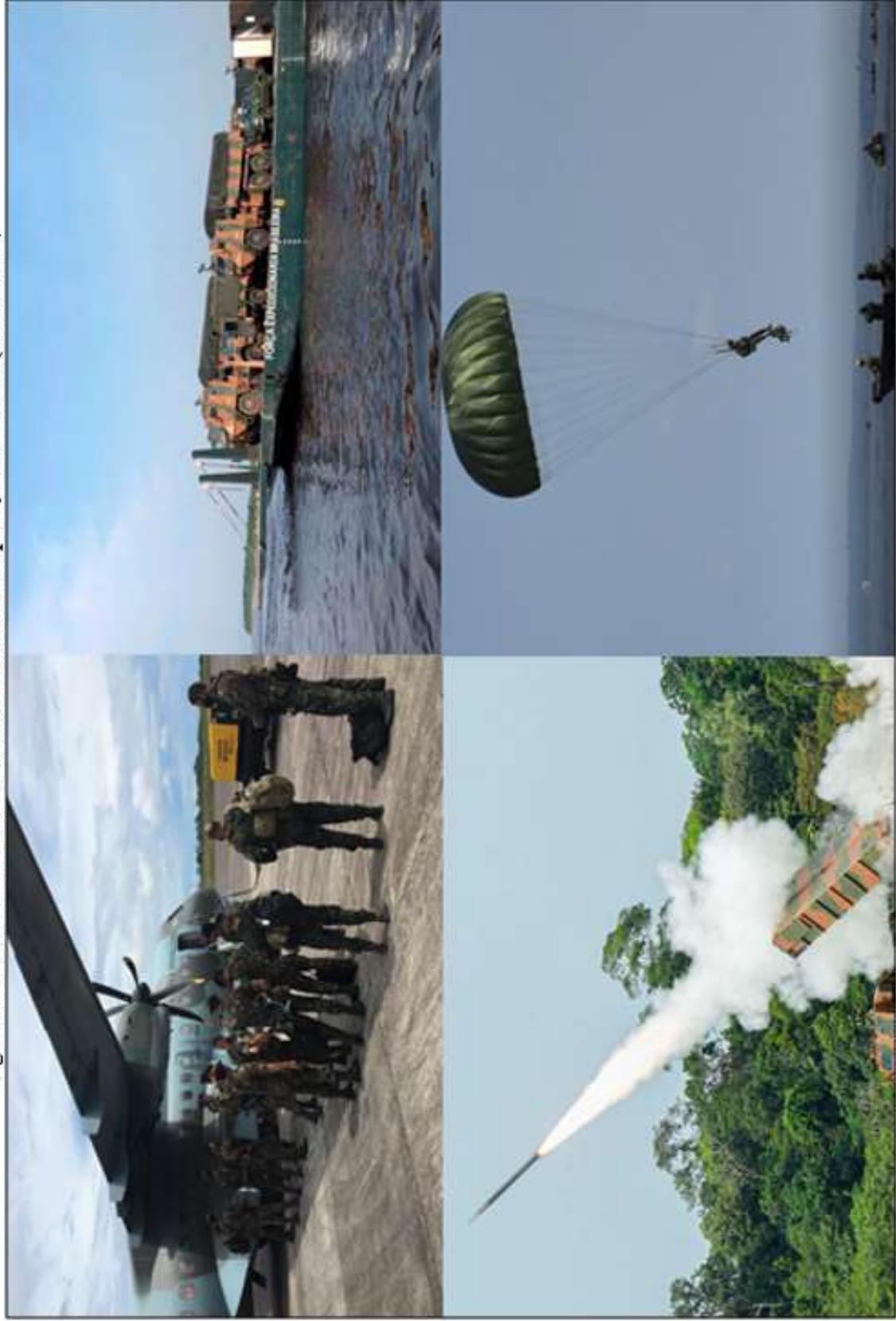
Na figura 1, apresenta-se imagens de exercícios militares realizados por meio das Forças Armadas brasileira (Operação Amazônia I e II, durante os anos de 2020 e 2021, respectivamente). Na ocasião, tanto a operacionalização, quanto a realização foram coordenadas pelo Comando Militar da Amazônia (CMA) sediado na cidade de Manaus (AM), onde foram criadas situações hipotéticas de agressão ao Estado brasileiro por meio da Amazônia brasileira.

A Operação Amazônia visou demonstrar a capacidade de atuação das Forças Armadas do Brasil, compostas pela Marinha do Brasil, Exército Brasileiro e Força Aérea Brasileira. Dessa maneira, as três Forças desempenharam suas capacidades de cumprimento da missão constitucional, de defender a Pátria e garantir a soberania nacional e, assim, mantendo permanentemente capacitadas, tendo como prioridade a defesa da Amazônia como atribuição da Defesa Nacional.

Concomitantemente a estes eventos, em maio de 2021 (Figura 2), o governo brasileiro, por meio do Ministro de Estado da Defesa General Braga Netto, confirma a presença de tropas russas e da Fuerza Armada Nacional Bolivariana (FANB) que operaram com sistemas de Monitoramento e Guerra Eletrônica, e que os russos juntamente com militares venezuelanos haviam sido instaladas antenas de interceptação de sinais eletrônicos e de comunicações na cidade de Santa Elena do Uairén, fronteira com o município brasileiro de Pacaraima (RR) e, que os sistemas têm a capacidade de dissolver a criptografia, grampear e interferir nas comunicações do Exército Brasileiro e das aeronaves militares que voam na região.



Figura 1 – Exercícios militares realizados durante a Operação Amazônia (2020 e 2021)



Fonte: Brasil (2020; 2021).



Figura 2 – Tropas russa em solo venezuelano



Fonte: Galante (2021).



Segundo DEFESANET (2021), os militares pertencem ao grupo de serviço de inteligência das Forças Armadas russas (GRU), principal braço do Kremlin em ações de Guerra Híbrida, que operam no Exterior, sendo que, alguns deles estiveram envolvidos nas operações ilegais que culminaram na anexação da Crimeia e nas guerras no leste da Ucrânia e na Síria. Na oportunidade, foram instalados sistemas de defesa aérea S-300 (que inclui lançadores, sistemas de radares e apoio) posicionado na região do Aeroporto de Santa Elena de Uairén, que dista da cidade fronteiriça de Pacaraima, Estado de Roraima, cerca de 12 km.

Em entrevista ao portal eletrônico R7, o chefe do Comando Sul das Forças Armadas dos Estados Unidos da América, (Almirante *Craig Faller*), confirma a presença de tropas russas em solo venezuelano, principalmente de empreiteiros do setor de defesa e de militares. Além disso, o almirante salienta que a crescente ingerência da Rússia na América Latina, semeia a discórdia e falta de confiança na região, promovendo regimes autocráticos, como: Cuba, Venezuela e Nicarágua (PEÑA, 2019).

A movimentação de tropas russa na Venezuela, indica ações de influência no Arco Norte do Brasil, que *a priori*, seria uma resposta aos exercícios militares brasileiros realizados durante as Operações Amazônia I e II, que incluiu o lançamento de foguetes a até 80 quilômetros de distância, onde foram utilizados equipamentos de fabricação brasileira, ocorreu próximo a cidade de Manaus (AM). Os militares russos teriam chegado ao estado de Bolívar (Venezuela) limítrofes ao estado de Roraima (Brasil) vestindo uniformes das tropas venezuelana (DEFESANET, 2021).

Nas últimas duas décadas do século XXI, se observa uma forte presença russa em território venezuelano denotando explícito interesse geopolítico cuja finalidade deste país que, *a priori*, visa neutralizar os interesses estadunidenses em áreas tradicionalmente consideradas de sua importância, dessa forma, promovendo uma geopolítica expansionista para além da Europa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, observou que os Estados que compõe a América do Sul e Caribe possuem sensato equilíbrio interestatal no diz respeito Poder Militar. A aproximação de um país considerado de grande potência militar global, como é o caso da Rússia, e em parceria com um Estado sul-americano poderá apresentar um desequilíbrio entre as forças militares da região, colocando-o em vantagem operacional junto às demais Estados Nacionais, explicitando o interesse geopolítico nesta área pivô entre Rússia-Venezuela-Brasil.



Desde anos de 2000, o mundo observa com atenção a aproximação entre Rússia e Venezuela, principalmente em questões técnicas-militares como foi objeto da presente pesquisa, na qual, nota-se interesse geopolítico no cenário de poder internacional formulados por ambições de política externa russa. Tal permeabilidade, decorre da valência estatal da Venezuela motivada por crises diversas (*a priori*), dentre elas: econômica, social, ética e política.

Os exercícios militares realizados entre os anos de 2019 e 2021, tanto no Brasil, quanto na Venezuela, denota preocupação entre ambos Estados. Nesse ínterim, esse fenômeno é retratado de modo velado por grande parte da mídia mundial, mas desperta atenção junto à comunidade científica e críticas especializadas que ora são referenciadas dentro de um contexto geopolítico e das diplomacias internacionais, aparentemente dentro de uma normalidade.

Questões históricas de litígios na América do Sul e Caribe ainda permanecem latentes, com isso, torna a região em potencial de conflitos de natureza diversa. Nesse sentido, acredita-se que a presença de uma potência militar global, no caso a Rússia, poderá acenar para convergências belicosas. De outro lado, ainda que haja resistências por parte de alguns Estados da região, a cooperação Rússia e Venezuela, poderá ser uma parceria que contribuirá para a retomada do poder socioeconômico venezuelano e reposicionamento regional e geopolítico.

Conclui-se com base nessas discussões, que aproximação entre Moscou e Caracas lança questões sobre novos aspectos das ambições dos formuladores da política externa russa para o posicionamento do país no jogo de poder internacional, bem como, acredita-se que a presença russa na Venezuela poderá apresentar um desequilíbrio entre as forças militares da região, colocando-o em vantagem operacional junto aos demais Estados Nacionais que compõe a América do Sul e Caribe, explicitando o interesse geopolítico nesta área pivô entre Rússia-Venezuela-Brasil.

REFERÊNCIAS

BECKER, B. K. Amazônia: geopolítica na virada do III milênio. **Revista Estudos Avançados**. v. 19, n. 53, 2005.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Operação Amazônia 2021**: deslocamento dos módulos de apoio. Disponível em: <<https://www.cma.eb.mil.br/index.php/mais-noticias/operacao-amazonia-2021-deslocamento-dos-modulos-de-apoio>>. Acesso em: 17 jun. 2021.

BRASIL. Senado Federal. **Livro Branco de Defesa Nacional**. Brasília: Editora Senado Federal, 2012.



CORREA, P. G. P. **Integração regional na Amazônia Transnacional** (Tese de Doutorado em Ciência Política). São Carlos: UFSCar, 2014.

DEFESANET. **Governo brasileiro confirma russos operando na fronteira**. Disponível em: <<https://www.defesanet.com.br>>. Acesso em: 10 jun. 2021.

DEFESANET. **Venezuela Posiciona Mísseis S-300 na Fronteira com o Brasil**. Disponível em: <<https://www.defesanet.com.br>>. Acesso em: 22 out. 2021.

DESIDERÁ NETO, W. A. A questão fronteiriça entre Guiana e Venezuela e a integração regional na América do Sul. **Revista Conjuntura Austral**, v. 3, n. 12, 2012.

ELLIS, R. **The New Russian Engagement with Latin America**. Washington: Strategic Studies Institute and U.S. Army War College Press, 2015.

GODOY, L. P. C. Amazônia sul-americana e geografia política. In: COSTA, W. M. VASCONCELOS, D. B. (orgs.). **Geografia e geopolítica da América do Sul: integrações e conflitos**. São Paulo: FFLCH/USP, 2019.

GOMES, M. L.; GOMES, P. C. L.; SENHORAS, E. M. **Quadro de armas transferidas da Rússia para Venezuela: 2000 a 2018**. Boa Vista: NAPRI/UFRR, 2021.

MACHADO, A. A. S. Aproximação Rússia-Venezuela: quando o regional e o global se misturam. **Meridiano 47**, n. 99, 2008.

PEÑA, A. Pentágono afirma que tropas russas continuam na Venezuela. **Portal Eletrônico R7**. Disponível em: <<https://noticias.r7.com>>. Acesso em: 28 out. 2021.

SILVA JÚNIOR, A. F. **Os potenciais novos conflitos na América do Sul impactantes para o Brasil** (Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Ciências Militares). Rio de Janeiro: ECEME, 2019.

SENHORAS, E. M. **Conflito e cooperação no complexo regional de segurança da América do Sul**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2014.

SENHORAS, E. M. **Relações civil-político-militares na América do Sul**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2012.

SOUSA, F. B. **A atuação geopolítica da Rússia na manutenção do regime bolivariano na Venezuela** (Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Ciências Militares). Rio de Janeiro: ECEME, 2020.

TEIXEIRA JÚNIOR, A. W. M. Geopolítica e Postura Estratégica da Rússia na Crise da Venezuela. **Revista CEEEx**, v. 14, 2019.